

UM OLHAR GEOGRÁFICO: ENTRE DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVAS LOCALISTAS EM UM MUNDO GLOBALISTA

A GEOGRAPHIC LOOK: BETWEEN DEVELOPMENT AND LOCALIST PERSPECTIVES IN A GLOBALIST WORLD

William Hanke¹

Resumo: Esse ensaio surgiu a partir de uma proposta realizada em sala de aula de uma disciplina do programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Visando fazer uma discussão sobre desenvolvimento e relacionando-o com perspectivas localistas e globalistas o texto resgata algumas discussões que consideramos ser válidas nesse campo do conhecimento. Percebe-se nesse texto que o conceito de desenvolvimento é complexo e que não se limite apenas as questões econômicas e que um olhar geográfico sobre esse conceito tem se aproximado cada vez mais em uma perspectiva de entender o desenvolvimento de uma escala micro para a macro.

Palavras-Chave: Geografia, Desenvolvimento, Região, Território e Globalização

Abstract: This essay arose from a proposal made in the classroom of a discipline of the postgraduate program of the Ponta Grossa State University (UEPG). Aiming to make a discussion about development and relating it to localist and globalist perspectives, the text rescues some discussions that we consider to be valid in this field of knowledge. It can be seen in this text that the concept of development is complex and that it is not limited only to economic issues and that a geographical view on this concept has increasingly approached in a perspective of understanding the development of a micro scale for the macro.

Keywords: Geography, Development, Region, Territory and Globalization

INTRODUÇÃO

Esse ensaio surgiu a partir da disciplina de Geografia Econômica do curso de Doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação da Universidade

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Técnico em Meio Ambiente. Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Membro do Grupo de Estudos Territoriais. Membro da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidade Ibero Latino-Americana. E-mail para contato: hankegete@gmail.com

Estadual de Ponta Grossa e que foi ministrada pelo professor Luiz Alexandre Gonçalves Cunha. Como proposta de construção desse ensaio, tínhamos que escolher uma entre três questões a ser respondida relacionadas aos temas discutidos em sala.

No entanto, me pareceu ser provocador e ao mesmo tempo instigante tentar conectá-las nesse texto. Entendo que não são questões fáceis de responder, tampouco de terem suas discussões sanadas nesse texto. Porém, acreditamos que as três questões propostas conversam entre si e nos auxiliam na preocupação de escrever sobre o desenvolvimento localista frente as perspectivas globalistas e ainda, por meio de um olhar geográfico.

Posto isso, voltamos nas questões que foram propostas em sala. Primeira, como as abordagens geográficas do desenvolvimento centram-se nos conceitos de região e território e influenciam pesar o desenvolvimento regional/local como projeto. Segunda, em que medida é possível o planejamento do desenvolvimento local e regional num mundo globalizado e por última, até que ponto a abordagem localista ou territorialista do desenvolvimento pode se impor frente a perspectiva globalista.

Na tentativa de respondê-las iremos estruturar esse texto em dois momentos. O primeiro refere-se a pensar o desenvolvimento a partir de abordagens de cunho geográfico. No segundo momento tentaremos conectá-las com as reflexões sobre desenvolvimento localistas ou territorialista frente ao mundo globalizado ou perspectivas globalistas.

Do desenvolvimento micro para o macro

Entre 1945 e 1980 o Brasil teve um crescimento econômico extraordinário, cerca de 7% ao ano. No mesmo período tivemos também o Irã que cresceu 6,8%, isso por conta de um processo de ocidentalização em vários países dessa região. Nessa mesma época ainda, o Brasil passou e ainda passa por um dualismo estrutural que o divide entre: o Brasil moderno e o Brasil arcaico. O Brasil moderno é aquele país urbano, industrializado, tecnológico e desenvolvido enquanto que o outro, é visto como o rural, com pouca tecnologia e com uma agricultura atrasada e de subsistência.

Seguindo essa dualidade entre moderno e antigo (atrasado), temos ainda dois posicionamentos entre políticas econômicas e os próprios economistas, o que nos parece ser pertinente para se pensar nesse momento e entender um pouco mais sobre desenvolvimento e desenvolvimento econômico pois, temos de um lado quem defenda a modernização de um 'país arcaico' e do outro, aqueles que visão uma democratização de terras e da própria reforma agrária.

Aqui não entraremos no mérito de discutir posições políticas, mas sim, perceber que o conceito de desenvolvimento tem mais de uma compreensão e que 'desenvolvimento' e 'desenvolvimento econômico' são coisas distintas, mas que se relacionam. Segundo Souza (1997), o conceito de desenvolvimento não é homogêneo, mas possui diversas vertentes sobre sua conceituação. Contudo, ele é, inicialmente, entendido como crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), Produto Nacional Bruto, Renda Per Capita além da modernização tecnológica que, segundo autor, são dados meramente quantitativos, mas que são ultrapassados por outros critérios como a educação e saúde.

Portanto, Souza (1997) afirma que o desenvolvimento econômico passa a ser um meio de quantificar o conceito de desenvolvimento, mas que esse não o define por completo. Nesse sentido, um olhar geográfico sobre o desenvolvimento tem se debruçado a entender a complexidade sobre desenvolvimento. Este visto não apenas como um conceito único, mas algo que demanda uma abordagem multidimensional e transdisciplinar (BOHLE, 2010).

Para Bohle (2010), a Geografia do Desenvolvimento não é apenas uma ciência de interface que pesquisa a relação espaço e sociedade ou de estruturas e agências, mas proporciona uma compreensão dos conflitos humanos a partir de diferentes análises de desenvolvimento, utilizando-se de seus próprios conceitos bem como de outras ciências para entendê-los.

Além de Bohle (2010), Boisier (1999) também se preocupado em fazer uma análise na relação entre desenvolvimento e conceitos geográficos. Este autor, resgata conceitos como territorialização e regionalização para compreender os modelos reais e os modelos mentais de desenvolvimento.

Em uma compreensão sobre a América Latina, Boisier (1999) argumenta que na tentativa de um desenvolvimento regional ou territorial essa teria passado por três processos: o de regionalização, descentralização e desenvolvimento das

regiões. Sendo que, os modelos reais são aqueles planos que são construídos e implementados nos países, sobretudo aqueles 'em desenvolvimento'. Porém, nem sempre nesses modelos são realizados estudos territoriais ou regionais anteriores a sua aplicação ou implementação, mas sim, planos ou formulas homogêneos que vem sempre de um mesmo sentido, ou seja, do macro para o micro.

O que queremos dizer nesse momento, que sem uma análise previa do local, do território ou da região os modelos reais começam a apresentar problemas ou falhas pois, são aplicados nacionalmente e em muitas das vezes, reaplicados em diferentes estados e regiões que são complexas unidades e que possuem especificidades que não são homogêneas. Nesse sentido, entendemos que os modelos reais de desenvolvimento não podem ser entendidos como se fossem modelos prontos ou pré-moldados a serem aplicados em um universo nacional, estadual, regional ou local.

Além disso, muitos desses modelos de desenvolvimento tem influências de exemplos globalizados ou poderíamos dizer aqui 'globalizantes', referindo-se no processo de globalizar, ou ainda, uma forma de uniformizar as regiões e os locais o que Boisier (1999) aponta como modelos que não tiveram grandes sucessos na America Latina.

Exemplo disso foi a própria regionalização do Brasil. Esta foi realizada sem que houvesse uma preocupação de analisar as próprias regiões e os locais respeitando suas características físicas e sociais heterogêneas, como é o caso do norte de Minas Gerais que tem características físicas da região do nordeste. Já a descentralização dos setores públicos e privados não se concretizou em muitos países dessa parte do continente americano e o desenvolvimento das regiões ainda é um processo pouco adotado nesses países, como aponta o autor.

Assim, Boisier (1999) propõe-se a pensar sobre os modelos mentais de desenvolvimento, estes que são diagnósticos que devem preceder os modelos reais. Contudo, o autor mesmo afirma que a realidade raramente se constrói da forma racional e portanto, seriam modelos que também possuiriam certos problemas como a não objetividade, o que causariam alguns problemas metodológicos, epistemológicos e práticos nas abordagens os territórios e locais.

O que podemos observar nesse momento de discussão é que, para promovermos o desenvolvimento pleno, primeiramente, temos que entendê-lo enquanto um conceito complexo e que este demandaria um olhar além de dados quantitativos ou econômicos. Segundo, que ao aplicarmos modelos reais, estes devem passar minuciosamente pelos modelos reais, utilizando-se de critérios que respeitem as regiões e suas específicas características e, talvez, aí possamos começar pensar em um desenvolvimento do micro para o macro.

Percebendo essas dificuldades de se analisar o desenvolvimento em uma escala inversa, ou seja, da micro para macro alguns autores buscam teorizar e conceituar o desenvolvimento a partir de uma escala territorial ou regional, como é o caso de Beduschi e Abramovay (2004). Segundo Beduschi Filho e Abramovay (2004), o desenvolvimento territorial nas áreas rurais do país (Brasil) devem ser feitas de ações ou organizações intermediárias em que o Estado possa estar auxiliando na efetivação concreta e abarcando todos aqueles que a interessarem.

Pois, não adianta criar planos de desenvolvimento nacionais, sabendo das dimensões territoriais do país (Brasil), bem como a sua variedade de culturas, costumes e tradições que são específicas de cada região brasileira. O desenvolvimento territorial, deve ser uma política pública que vise a relação entre estados, beneficiários e estudos específicos regionais ou territoriais para então, termos a capacidade de promover uma relação escalar de baixo para cima visando sanar os problemas locais, territoriais e regionais e que por consequências promoverá o desenvolvimento dessas microescalas.

Nesse sentido, Souza (1996) propõe pensarmos o desenvolvimento enquanto sócioespacial e, portanto, um espaço social. Segundo o autor, o espaço social é, primeiramente, um produto de transformação da natureza e não um espaço metafórico. Para o autor, a concepção de desenvolvimento territorial está na importância da dimensão espacial, na localização e proximidade geográfica, o que facilitaria o acesso e auxiliaria o desenvolvimento territorial.

Assim, a visão de um desenvolvimento territorial superaria visões setoriais de desenvolvimento em que, por exemplo, a agricultura não 'serviria' apenas a indústria, mas que as pessoas que trabalham sintam-se parte do desenvolvimento e que estas estaria integradas sem necessariamente serem

objetos de trabalho ou apenas da promoção de servidão. A ideia de desenvolvimento territorial é pensar, por exemplo, a agricultura em espaços agrários que ultrapassam limites municipais visando um desenvolvimento daquele território, local ou região onde haja uma ajuda mútua e não limitada por fronteiras municipais. Desse modo, o desenvolvimento das microescalas (dos locais, dos territórios e das regiões) se tornariam autossuficientes e estariam desenvolvendo também o macro espaço, que no caso é o próprio país.

Porém, para que isso ocorra, deve haver um diálogo entre os municípios e que estes criem políticas e secretarias integradas voltadas ao desenvolvimento das pequenas regiões, territórios ou locais que, em muitas das vezes, estão separadas por limites municipais e estaduais. Tais diálogos devem ter um pensamento no bem comum e não apenas naquela ou na outra região pelo simples fato de localização ou de proximidade com áreas de 'maior desenvolvimento'.

Sabemos que esse caminho não é fácil, tampouco de termos um modelo ideal de desenvolvimento, mas acreditamos que para ocorrer o desenvolvimento deve se iniciar pelos modelos mentais, mesmo estes tendo suas falhas, nos incentivam a construir caminhos diferentes de um olhar estritamente econômico e de limites.

Assim, nesse primeiro momento de discussão, evidenciamos alguns apontamentos sobre desenvolvimento e como este pode ter um caminho inverso, ou seja, do local para o global. Também mostramos que o desenvolvimento é um conceito complexo e que o olhar geográfico visa compreender essa complexidade além de aspectos quantitativos e econômicos. No entanto, esse ensaio não sana todas as discussões que envolvem o desenvolvimento, mas tem a pretensão de dar um passo a mais para se pensar o desenvolvimento a partir de uma escala micro ou como abordadas pelos autores, escalas de um desenvolvimento local, territorial ou regional.

No segundo momento desse texto, iremos abordar as discussões que envolvem o processo de globalização tanto no planejamento de projetos de desenvolvimento localistas quanto nos desafios da implementação desses projetos reais ou mentais sobre desenvolvimento em um mundo globalizado.

Um mundo globalizado e o desafio dos desenvolvimentos locais

Entendemos anteriormente que pensar as escalas locais, territoriais ou regionais são relações relevantes tanto nos aspectos socioeconômicos quanto para o próprio desenvolvimento. Ao analisar o desenvolvimento a partir das escalas micro podemos observar que o desenvolvimento só irá ocorrer através do resultado dessas relações que, naquele determinado espaço, se estabeleceram.

Já nas perspectivas globais, estas relações são, muita das vezes, impostas aos locais. Seja a partir de proximidades daquilo que é uma 'tendência' global. Por exemplo, se pensarmos os grandes centros urbanos e sua relação de atração e repulsão ou ainda, o que entendem por desenvolvido. No caso dessas áreas, encontramos grande variedade de elementos que são característicos de grandes centros urbanos mundiais como: grande mobilidade, larga concentração de comércio, amplas indústrias, imensa poluição e conseqüentemente maior quantidade de pessoas. No entanto, o sentido sobre o desenvolvimento se torna cada vez mais relativo, pois como aponta Maluf (2000) é um desafio atribuir sentido a noção de desenvolvimento, sobretudo quando este se aplica as questões sociais.

Para o autor, as críticas sobre entender o desenvolvimento apenas como desenvolvimento econômico são antigas e que estas têm sua emancipação a partir de 1970, quando as nações buscaram projetos e políticas de desenvolvimento com o objetivo de crescer economicamente e socialmente. Segundo Maluf (2000), algumas teorias econômicas sobre o desenvolvimento supõe que, a partir de um desenvolvimento econômico, este proporcionaria benefícios a todas as camadas populacionais. Nesse momento, o autor argumenta sobre um desenvolvimento econômico ou uma teoria econômica para o desenvolvimento do crescimento de países pobres. Cabe aqui pensarmos se essas tais teorias são construídas pelos próprios países pobres, ou se são apenas resultados daqueles modelos que deram certos nos antigos países colonizadores, ricos e 'desenvolvidos' e que agora servem como modelos a serem seguidos pelas ex-colônias, pobres e subdesenvolvidas.

Reis (2007) ao analisar a percepção dos processos de mediação espacial em que se baseiam os fenômenos econômicos mostra que, a natureza é intermediada por tendências uniformizadas sobre os agentes econômicos, compreendendo a partir das relações entre as indústrias e as estruturas constituintes dos espaços. O que queremos dizer é que, essas tendências uniformizadoras são consequências de uma economia cada vez mais interligada entre nações, onde o desenvolvimento passa a ser uma ferramenta de uso dessas indústrias.

Consequência disso é demonstrado no trabalho Mourão, Parente e Linhares (2011), que ao analisarem características de um desenvolvimento local de uma determinada região do Brasil, percebeu alterações culturais e econômicas a partir do processo de globalização com a inserção de empresas naquela região. Segundo os autores, o processo industrial alterou significativamente a economia da região, porém alterou também outras economias locais como o artesanato, essa economia local só está sendo realizado por moradores mais velhos.

Isso não é apenas visto em pequenas regiões do país, mas também em áreas rurais e a emancipação de pessoas do campo para a cidade, pois lá encontram maiores chances de emprego e 'desenvolvimento' que, em algumas áreas rurais, não apresentam. Sobre isso, Reis (2005) argumenta sobre os processos de territorializações sociais sobre os próprios territórios. Segundo o autor, eles têm valia própria e que as pessoas são elementos fundamentais nesse processo de validar o que é desenvolvido ou que não é.

Para o autor, a globalização é totalizante e que compreende uma soma de relações e que os territórios são ações e condições específicas entre ordens e desordens sociais. Nesse sentido, percebemos que as questões territoriais frente a globalização, são práticas sociais que podem corroborar ou desconsiderar influências globais sobre o desenvolvimento. Não queremos dizer que todo o processo de globalização é ruim, mas que sim, ele altera positivamente ou negativamente as compreensões sobre o desenvolvimento.

Portanto, as perspectivas localistas podem e devem evidenciar outras formas de desenvolvimento além daqueles que são globalizadas ou entendidas como modelos a serem seguidos. Segundo Reis (2007) o local passa a ser

entendido como mediação ao global, este podendo também proporcionar modelos a serem seguidos no mundo, como é o caso da cidade de Curitiba, Paraná e o seu modelo de transporte público. O que tentamos argumentar nesse ensaio é que, modelos de desenvolvimento localistas, territorialista ou regionais também podem se tornar modelos globais e vice-versa.

No entanto, voltamos a frisar que é necessária uma análise que respeite as características desses locais, pois não podemos impor modelos que deram certos em outros locais que tinham, histórias diferentes, geografias diferentes, características físicas e sociais diferentes daquelas que se pretendem implantar o mesmo modelo.

Por isso, acreditamos na valorização das pesquisas locais, territoriais e regionais para o desenvolvimento das mesmas e que estes podem servir como exemplos para outros, desde que haja uma compreensão das necessidades específicas desses espaços que são produtos da multiplicidade, sempre em construção e jamais algo acabado (MASSEY, 2008).

Conclusão

Esse ensaio deve por objetivo fazer uma discussão sobre desenvolvimento localistas frente as relações globalistas, resgatando algumas discussões que visam o território e a região como formas de desenvolvimento em escalas de análises mais específicas e heterogêneas.

Percebeu-se que as discussões sobre o desenvolvimento são vastas é ao mesmo tempo com concepções de diferentes pontos de vistas que devem ser respeitados dependendo do que se sabe sobre o assunto. No entanto, quando se refere-se a pensar sobre desenvolvimento, este deve ter um olhar além do econômico, pois quando analisamos a sociedade devemos compreendê-la no seu todo, das áreas urbanas as áreas rurais, dos 'mais desenvolvidos' e dos 'menos desenvolvidos' entendo que o desenvolvimento não é restrito a características, muitas vezes, impostas como ideal de desenvolvimento, classificando os locais, territórios e regiões como desprovidos de desenvolvimento ou 'atrasados'. Devemos respeitas as diferenças regionais e promover o desenvolvimento dessas áreas de acordo com os seus processos históricos e culturais.

REFERÊNCIAS

BEDUSCHI FILHO, L.C.; ABRAMOVAY, R.. Desafios para o desenvolvimento nas regiões rurais. **Nova Economia**, v. 14, n. 3, p. 35- 70. 2004.

BOISIER, S. Post-Scriptum sobre desenvolvimento regional: modelos reais e modelos mentais. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 19, p. 307-43, jun. de 1999.

BOHLE, H. G. Geografia do desenvolvimento. **Mercator**. v.9, n. 20, set/dez 2010.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MALUF, R. Atribuindo sentido(s) à noção de desenvolvimento. In: **Estudos: Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 15, p. 53-85, out. 2000.

MOURÃO, A. M.S.; PARENTE, S. M.; LINHARES, F. R. A globalização, o desenvolvimento local e a cultura popular no distrito de Aracatiaçu: a brincadeira do reisado. **ANAIS** do IV Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, novembro de 2011.

REIS, J. **Uma epistemologia do território**. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2005. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/jr/publics.htm>> .

_____. **Ensaio de economia impura**. Coimbra; Almedina, 2007.

SOUZA, M. L. A teoria sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre a necessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento socioespacial. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-22, jul./ dez. 1996.

_____. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Território**, ano 11, nº 3, jul./dez. 1997

Recebido em 04/12/2018

Versão corrigida recebida em 06/12/2018

Aceito em 28/12/2018

Publicado online em 04/01/2019